

PAULA FOX

Os filhos da viúva

Tradução

José Geraldo Couto

Posfácio

Andrea Barrett



Copyright © 1986 by Paula Fox
Copyright do posfácio © 1999 by Andrea Barrett

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The widow's children

Capa
Rita da Costa Aguiar

Foto de capa
StockFood/ LatinStock

Preparação
Lucimara Carvalho

Revisão
Jane Pessoa
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fox, Paula.
Os filhos da viúva / Paula Fox ; tradução José Geraldo Couto ; posfácio Andrea Barrett. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Titulo original: The widow's children
ISBN 978-85-359-1978-3

1. Ficção norte-americana I. Barrett, Andrea. II. Título.

11-10254 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2011]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Despojados de suas primeiras folhas, erguem-se os estéreis filhos dela, e parecem, para o mundo todo, ter nascido porque ela se entreteve com algum terror...

“Viúva” — Rainer Maria Rilke

Sumário

1. Bebidas, 11
2. Corredor, 84
3. Restaurante, 92
4. O mensageiro, 148
5. Os irmãos, 158
6. Clara, 187
7. O funeral, 209

Posfácio — As velhas feras: sobre *Os filhos da viúva*, 223

1. Bebidas

Sentada ereta na ponta de uma cadeira, de roupas de baixo, Clara Hansen estava imóvel. Logo seria preciso acender uma luz. Logo seria preciso acabar de se vestir. Concederia a si mesma, naquele estado tão próximo do sono, mais três minutos no apartamento que escurecia. Virou-se para encarar uma mesa na qual estava pousado um pequeno despertador. De súbito, uma dolorosa agitação a fez ficar de pé num salto. Chegaria atrasada: os ônibus não eram confiáveis. Não podia se dar ao luxo de tomar um táxi até o hotel onde sua mãe, Laura, e o marido de Laura, Desmond Clapper, esperavam-na para os drinques e o jantar. Na manhã seguinte, os Clapper embarcariam num navio — desta vez, para a África. Ficariam fora durante meses. Clara tinha dado um jeito de sair meia hora mais cedo do escritório onde trabalhava para ter tempo suficiente. Mas tinha sido tempo suficiente para afundar num sonho vazio.

Clara correu para o seu quartinho, onde seu vestido jazia estendido na cama. Era a melhor coisa que ela possuía. Estava ciente de que, como regra geral, vestia-se defensivamente. Mas

tinha feito uma escolha perversa para aquela noite. Laura saberia que o vestido era caro. Que se dane, disse a si mesma, mas não sentiu mais que indecisão quando a seda se assentou na sua pele.

Alguns pingos de chuva deslizavam pelas janelas quando ela atravessou a sala de estar. Deixou uma luz acesa para quando voltasse e, por um breve momento, lhe pareceu que a noite já tinha terminado, que ela já voltara para casa, consolada pela ideia de que, já que Laura tinha partido, talvez não precisasse mais pensar nela. Afinal de contas, as ocasiões para os encontros entre as duas eram tão raras.

Era começo de abril e ainda fazia frio, mas Clara se cobriu com uma leve capa de chuva. Estava gasta e manchada, mas cumpria uma intenção — um repúdio ao vestido — da qual Clara era apenas remotamente consciente.

O tio de Clara, Carlos, estaria presente. E Laura dissera ao telefone que um amigo editor também iria àquela noite de despedida. Clara o encontrara uma vez tempos antes; não pensava nada a respeito dele. Caminhando pela rua, viu um ônibus se aproximando e correu para o ponto. Sentiu de repente, como se os pés apressados a tivessem suscitado, uma excitação angustiada, o estado de espírito com que sempre entrava no território de sua mãe.

Doze quadras ao sul do apartamento de Clara, num velho prédio de arenito marrom perto da Lexington Avenue, Carlos Maldonada, irmão de Laura, estava em pé junto à pia com um limão murcho na mão. Não estava com muita vontade de tomar a vodca que servira a si próprio. Soltou o limão, que caiu na pia e se alojou entre os pratos sujos, e em seguida foi até o guarda-roupa. Sem se dar ao trabalho de olhar, apanhou um paletó no escuro bolorento do armário e o vestiu.

Caminhou em direção ao telefone. Poderia dizer a Laura que tinha tropeçado no meio-fio e machucado o tornozelo. Teria que ser uma história detalhada: em que ele tinha tropeçado, o transeunte que o havia socorrido, o tamanho do inchaço, como tinha conseguido voltar para casa, as horas de imersão do tornozelo numa bacia — ele nem tinha uma bacia —, os analgésicos que tinha tomado.

“Seu velho mentiroso de uma figa!”, disse ele, imitando exatamente a voz de Laura, e riu ao ouvir suas palavras no quarto empoeirado e em desordem. Encontrou sua boina e um casaco, engoliu a vodca ao passar pela bancada da cozinha e desceu correndo as escadas até a calçada onde um táxi encostou logo que ele levantou o braço. Mas, uma vez afundado no surrado assento de vinil, com os pés em meio a tocos molhados de cigarro, a energia de Carlos começou a ratear. Deu o endereço do hotel dos Clapper com voz desanimada e não respondeu aos comentários do taxista, embora fosse um taxista jovem e muito boa-pinta.

O terceiro convidado dos Clapper, Peter Rice, ainda estava em seu escritório. Com um lápis vermelho, grifou seu nome numa lista de editores num memorando preso com um clipe a uma revista inglesa. Ele nem a tinha olhado; não lia mais revistas de nenhum tipo. Sua secretária, com o casaco jogado sobre os ombros, trouxe-lhe o pacote de livros que ele havia pedido. Ele assinou um canhoto, sorriu para ela, agradeceu, desejou-lhe bom fim de semana, viu pela sua janela um rebocador bem lá embaixo no East River e, ao perceber que começava a chover, lamentou não ter trazido seu guarda-chuva pela manhã. Era um arrependimento apenas formal; não dava atenção às condições do tempo na cidade.

Fazia um ano que não via Laura. Conversavam por telefone

de quando em quando. Era Laura que ligava para ele da fazenda Clapper na Pensilvânia. Ninguém mais lhe telefonava tarde da noite; por isso, quando o telefone tocava, ele sempre pegava o aparelho com um arranco de prazer, sabendo que seria ela. No último ano, todas as suas conversas tinham começado com desespero e drama — lúgubres relatos das bebedeiras de Desmond. Mas depois de um tempo ela ficava calma, e eles conversavam como sempre tinham feito.

Estendeu o braço para apanhar o chapéu. No corredor uma mulher ria. Ele ouviu passos na direção dos elevadores. O reboador desaparecera de vista. Apagou a luminária da escrivaninha. A úmida meia-luz do crepúsculo inundou seu escritório, mas não obscureceu as capas reluzentes dos livros alinhados nas prateleiras. Uma sensação afitiva de que o dia tinha passado sem deixar nenhuma marca mantinha-o ali de pé, sentindo-se inerte. Então pensou em Laura. Pegou o pacote de livros e saiu.

No banheiro do hotel, Desmond Clapper fitava os dedos avermelhados enquanto a água da torneira caía sobre eles. O jato de água não chegava a abafar totalmente a voz de Laura. Num momento, ele teria que se juntar a ela no quarto. Fechou a torneira e voltou a abri-la.

“Pode falar da dignidade dos leopardos! Das baratas! Mas não me venha falar da dignidade do homem! Como alguém pode impedir alguém de ir a qualquer lugar no maldito mundo? Eu estava quase no restaurante quando vi você do outro lado daquele piquete de grevistas, com cara de bobo, enquanto aqueles garçons corriam de um lado para outro entre nós resmungando suas queixas...”

Desmond rangeu os dentes. Ela ainda estava aborrecida por causa do almoço. Ele não tinha culpa do que acontecera. Os

grevistas tinham-no ameaçado toda vez que ele tentara dar um passo em direção a Laura. Ele ficou à escuta. Então, ela recomeçou. Mas sua voz parecia mais próxima. Estaria em pé do outro lado da porta?

“Desmond? Desmond! Como você *pôde* ter escrúpulos em furar aquele piquete? Não sabe quanto os garçons ganham num lugar como aquele? E — meu Deus! Quem tem dignidade nessa vida? É só dinheiro o que eles querem... trate-me como um homem... e me jogue uma moedinha! Lembra aqueles mendigos em Madri, levados em carrinhos de mão pelos filhos até as igrejas? Lembra que eles agitavam seus cotocos para nós e riam? Aquilo era dignidade! Desmond? Tínhamos sonhado tanto tempo com aquele almoço e você me agarrou e me forçou a ir embora. Um deles tinha um cartaz onde estava escrito auxílio com dois s. Você notou? Cristo Rei! Eu teria trazido um prato de lá de dentro e comido diante deles! Que insolência! Que estupidez! E na livraria, aquela atendente horrível de unhas sujas, a armação do sutiã furando a camisa... e ela me *corrigiu*. Você devia saber, todos estes anos, que eu pronunciava errado a palavra ‘cúpula’. Por que nunca me falou? Você sabe que tenho horror de falar errado as palavras inglesas. E ela não se empenhou em nos ajudar, fazendo de conta que eles não tinham nenhuma nova história de detetive à venda. Você devia falar com o gerente daquele lugar... deixando pessoas como aquela maltratar os clientes... deixando que elas despejem suas frustrações sobre os outros. Perguntei a ela se precisava usar um banheiro. Você me ouviu perguntar? Falei calmamente, o que enfurece certas pessoas. Pensar que andei falando *cúpola* todos esses anos e ninguém antes daquela mulher nunca me disse uma palavra. Estou tão nervosa! Acho que este drinque vai ajudar. Desmond. Sei que estou meio alvoroçada. Ouviu isso? Eu sei. Não estou me desculpando. Não é o jeito espanhol. São vocês, anglos, que se especia-

lizam em piedade. Nunca me justifico. Por acaso me justifico, Desmond? Não sou judia, afinal de contas. Ah, como eu odeio a autopiedade! Aquele meu irmão, aquele Carlos, tem um jeito tão sentimental de encarar seus problemas — e oh, como ele vira as costas para todos nós, até para a minha pobre mãe, que o prefere a mim e ao Eugenio. Desmond? Se pudéssemos simplesmente embarcar sem falar uma palavra a ninguém. Quando liguei para Clara, ela me disse que estava resfriada, com uma voz de moribunda, e então mostrou como era *corajosa*, dizendo que queria, claro, nos ver antes da partida. Se pudéssemos simplesmente partir! Agora! Atravessar a prancha de embarque, nos meter na nossa cabine. O comissário nos traria chá e biscoitos, o navio soltaria âncora à meia-noite, sem bandas, sem acenos de despedida. Meu Deus! Aqueles garçons *horríveis*... Suponho que eles tenham vidas sombrias, indo para casa de madrugada no metrô, exaustos demais para contar as gorjetas, carregando bandejas ainda nos sonhos... e aquela balconista infeliz, ninguém se dava ao trabalho de chamar sua atenção para o sutiã, afinal ninguém ligava para os peitos dela. Olhe a hora! Logo estarão todos aqui. Não vou me importar com Peter. Ele comprehende uma ocasião, pobre filho da mãe. Ele e eu tivemos mais de trinta anos de situações. Meu amigo mais antigo... meu único amigo. Graças aos céus que eu não consegui falar com Eugenio. Posso até imaginar onde ele está, no covil de alguma mulher madura, contando secretamente as pérolas verdadeiras em torno do seu pescoço, inflamando-se com a consciência do quanto nossa família vem decaindo... decaindo..."

A chuva apertou de repente, arremessando-se com ímpeto contra as janelas do hotel e contra a avenida escura oito andares abaixo. Laura, olhando para baixo, viu limpadores de para-brisa varrendo os vidros dos carros que congestionavam a rua, e as cores das luzes do tráfego riscando a chuva, e a superfície reluzente

do asfalto, lavada com violência pelo aguaceiro. Acendeu um cigarro, em seguida tomou um gole do seu drinque para umedecer a boca seca. Tremia tanto que até suas pernas vacilavam com a força do espasmo. Quase de imediato, ela se perguntou, meio de faz de conta, se teria havido um terremoto, se Nova York estaria desmoronando, o hotel ruindo sob seus pés. Fez de conta que seu espasmo lhe tinha sido infligido por uma força externa e era agora o que devia ser, a evidência de um fato prodigioso que ela escondera ao longo de sua arenga, durante a qual, ela bem sabia, Desmond tinha aberto e fechado as torneiras para afogar a voz dela.

Esse fato era a notícia que ela recebera quando os Clapper voltaram ao hotel depois das últimas compras para a viagem. A notícia era que sua mãe, Alma, tinha morrido no meio da tarde num abrigo para idosos onde morava havia dois anos. Laura se voltara para Desmond, até sorrindo, quando ele perguntou quem era ao telefone, e respondera que era Clara querendo saber o trajeto para chegar ao hotel, será que agora ele podia desembrulhar as garrafas de bebida? Então, voltando à gravidade oficial da voz do outro lado da linha, atestado de óbito, essa voz dizia, emitido pelo médico-chefe do abrigo — ataque cardíaco... morte tranquila —, consultando sobre os procedimentos do enterro, e Laura tinha dito a Desmond “Me arranja uma aspirina, querido”, e dissera rapidamente ao telefone “Amanhã? Pode ser amanhã? Não importa a agência funerária que vocês usam... sim... mas nós temos um pedaço de terra no cemitério, meu marido combinou isso com vocês há dois anos... em Long Island”, e Desmond voltara e lhe estendera duas aspirinas, e ela dissera ao telefone “Até logo, ligo para vocês pela manhã”, e Desmond dissera “Ligar para Clara? Mas ela vem aqui hoje à noite, não vem?”.

Não tinha sido capaz de responder, mas ele não a pressio-

nou; sempre dava para contar com o pouco interesse de Desmond. A mente dela tinha ficado vazia de pensamentos; sabia apenas que alguma coisa implacável a tinha dominado. E ela sentira um prazer meio enlouquecido e um impulso de gritar que detinha essa coisa que ninguém mais sabia, esse fato pleno de consequências, duro e real, em meio às acumulações moles de eventos insignificantes dos quais sua projetada viagem à África era um, a ser experimentado apenas por intermédio de seus preparativos, itinerários, malas arrumadas, compra de remédios para desarranjos intestinais, livros para ler, relógio, sabonete, passaportes, essa casca de ação cobrindo o centro imóvel da existência dos dois.

Estaria Desmond bebendo em segredo no banheiro? Toman-do uns poucos goles sub-reptícios antes que a matrona se juntasse a ele? Num surto de fúria com a tapeação dele, com sua covardia em chamá-la de matrona, ela deixou o copo cair sobre o aquecedor, de modo que ele se quebrou em vários pedaços grandes que se espalharam pelo tapete. Desmond apareceu imediatamente na porta do banheiro, enxugando as mãos com exagerado cuidado. Ela sorriu, sentindo um leve suor no lábio superior. “Você deu uma gorjeta ao camareiro quando ele trouxe o gelo? Oh, deixei cair o meu copo.”

“Dei, querida”, disse ele. “O copo quebrou? Deixa que eu limpo.” Notou uma grande mancha na testa dela e a esfregou com a ponta da toalha, olhando em direção à janela onde, supôs, estivera apoiada. “Está chovendo”, disse ele. Ela riu. “Não dava para você ouvir a chuva com todo o barulho que estava fazendo no banheiro.”

Ele sorriu de volta, aliviado pela serenidade da voz dela. E ele *tinha* ouvido a parte a respeito do embarque no navio naquela mesma noite. Certamente, teria preferido *isso* à aborrecida e tediosa noitada que tinha pela frente. Já havia um copo que-

brado — ainda que fosse resultado de um acidente. Leopardos, garçons, judeus, ela não teria ido tão longe se seus malditos parentes não estivessem para chegar. Observou-a dobrar a toalha que tinha tirado da sua mão e em seguida olhar no espelho na parede sobre a cômoda. Ela fizera o cabelo pela manhã; estava preso no alto da cabeça. Estava tão grisalho! Aquilo continuava a surpreendê-lo, aquele cabelo de mulher de meia-idade. “Que cachos repulsivos”, disse ela, seus olhos fitando os dele no espelho. Ele não se importou com aquele olhar, e pensou: agora vou tomar um drinque. Mas, quando ia em direção à mesa onde estavam as garrafas e os copos, ouviu uma tímida batida na porta e foi abri-la.

“Sou a primeira a chegar?”, perguntou Clara Hansen, ignorando Desmond e olhando diretamente para a mãe. O sorriso dele, desperdiçado, ficou parado nos lábios.

“Olá”, disse Laura, extraíndo o cumprimento das profundezas da própria voz, uma proclamação plangente e penetrante à qual, Clara sabia, nenhuma resposta estaria à altura. Com o coração afundando, Clara sentiu que seu próprio “olá” pesaria menos que poeira naquela escala do drama tonal e, então, se limitou a estender a mão. Sua mãe agarrou seus dedos com força por um instante, depois retirou a mão e pegou um cigarro.

“Ela não está maravilhosa?”, exclamou Laura. “Os homens não te atacam na rua?”

“Clara, o que você vai tomar?”, perguntou Desmond.

“Oh, uísque”, disse ela. “Se tiver, e soda”, e manteve o olhar em Desmond. Logo que começassem a conversar, ela e Laura, tudo estaria em ordem de novo. Ficaria tudo bem. Aqueles primeiros momentos eram sempre aflitivos, e nem ela era capaz de explicar a si mesma o pavor que sentia, a convicção do perigo.

Ela não tinha morado com Laura, nem com o pai, Ed Hansen, não tinha estado sob o mesmo teto que a mãe desde aquela

primeira separação, vinte e nove anos antes, numa sala de parto de hospital. Era isso, disse a si mesma, é porque nunca começamos de verdade e portanto precisamos sempre começar pelo meio, com um vácuo se formando logo atrás de nós. Mas essa descrição de suas relações com a mãe, tão prazenteira por um dia, ou uma hora, não durava. Entre ela e Laura não havia um vácuo, mas uma presença, crua e ensanguentada. Laura fizera quatro abortos antes de uma quinta gravidez, que só foi detectada tarde demais e produziu Clara. Ela havia, conforme dizia a si mesma, se esgueirado sorrateiramente para dentro da vida.

“Como vai, senhorita?”, perguntou Laura, debruçada agora no peitoril da janela. “Queria tanto que você viesse com a gente. Você também não queria, Desmond? Como iríamos nos divertir! Desmond, ela quer água, não soda.”

“Você disse soda ou água?”, perguntou Desmond.

“Oh... qualquer das duas coisas está bem”, disse Clara, “o que estiver mais à mão.”

“Mas achei que você tinha dito água”, disse Laura, com ênfase.

“Na verdade, eu disse soda, mas não importa. Não mesmo.”

“Ora, tem certeza, Clara? Oh, Cristo! Deve ser Peter. Eu tinha esperança de que nós três pudéssemos ter um tempinho só para nós, mas...” — e foi abrir a porta.

Não era Peter Rice, e sim Carlos Maldonada.

“Carlos!”

“Olá, querida”, disse Carlos.

“Olhe só quem está aqui! Clara! E não comecem, vocês dois”, Laura gritou alegremente.

Carlos caminhou diretamente até a sobrinha e pôs a mão sobre sua cabeça, pressionando os dedos contra seu crânio. Ela riu exageradamente.

“Alguma piada nova?”, Carlos perguntou a Clara.